

DEUS EM BITS E PIXELS: RITUAIS ONLINE E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM TEMPOS DE INTERNET

Moisés Sbardelotto*

Resumo

Com a manifestação de um fenômeno de apropriação da Internet por parte das instituições religiosas, este artigo busca analisar o funcionamento das interações entre fiel-sagrado para a prática e a experiência da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro. O artigo reflete sobre o conceito de interação comunicacional como eixo ao redor do qual circulam três noções que ajudam a compreender o fenômeno religioso na Internet: interface, discurso e ritual. Como conclusão, aponta-se que, por meio dessas estratégias interacionais, a religião que vai despontando no ambiente online é praticada e experienciada por meio de novas materialidades, espacialidades, temporalidades, discursividades e ritualidades marcadas pelos protocolos e processualidades da Internet.

Palavras-chave: Internet; Mídiação; Religião; Experiência religiosa; Ritual online.

Abstract

With the manifestation of a phenomenon of appropriation of the Internet by religious institutions, this paper analyzes the functioning of the interactions among faithful-sacred for the practice and experience of faith in rituals online of Brazilian Catholic digital environment. The paper reflects on the concept of communicational interaction as the axis around which circulate three notions that help to understand religious phenomenon on the Internet: interface, discourse and ritual. In conclusion, it is noted that, through these interactional strategies, the religion that is emerging in the online environment is practiced and experienced by new materialities, spatialities, temporalities, discursivities and ritualities marked by the protocols and processualities of the Internet.

Keywords: Internet; Mediatization; Religion; Religious experience; Ritual online.

Introdução

Em um processo de mediação do fenômeno religioso, começam a surgir novas modalidades de experiência da fé, a partir do deslocamento das práticas

* Moisés Sbardelotto. Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: msbardelotto@yahoo.com.br. Bolsista do CNPq. Trecho atualizado da dissertação "E o Verbo se fez bit": *Uma análise de sites católicos brasileiros como ambiente para a experiência religiosa* (orientador: Prof. Dr. Antonio Fausto Neto).

religiosas para a ambiência comunicacional da internet. Poderíamos dizer que ocorre hoje uma “diáspora”¹, já que a internet torna-se o ambiente para o qual grande parte (senão todas) as religiões tradicionais vão, aos poucos, se deslocando. Como víamos, “as pessoas estão fazendo de forma online grande parte daquilo que fazem offline, mas o fazem de forma diferente”². Ou seja, “há muito pouco no mundo real que não esteja eletronicamente reproduzido online, e há muito pouco online que não tenha fundamento ou referência offline”³. Assim “liturgia, oração, ritual, meditação e homilética se unem e funcionam com o próprio espaço online atuando como Igreja, templo, sinagoga, mesquita”⁴.

Além de se informar sobre a sua Igreja, portanto, o fiel também *pratica, vivencia e experiencia a sua fé* no ambiente digital⁵. As pessoas passam a encontrar uma oferta do sagrado não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponibilizada, midiaticamente, na internet. Uma categoria de sites que reúne grande parte desses serviços religiosos são as chamadas “capelas virtuais”, ambientes online que reúnem grande parte dos rituais aqui analisados, mediante uma transmutação de rituais tradicionais da Igreja Católica (como as velas, o terço, a leitura orante etc.) para a ambiência digital.

Como indica Hoover⁶, um dos conceitos-chave para a compreensão dessas inter-relações entre religião e mídia é a noção de *prática*. Desviando o foco das estruturas ou instituições sociais formais que envolvam sentidos e valores, é importante situar-se justamente “no meio dessas coisas, onde indivíduos e comunidades podem ser vistos ativos na construção de sentido”⁷. Se o indivíduo busca essas novas modalidades de religiosidade online, é em resposta a uma busca anterior por algo diferente ou novo, ou porque o que ele descobriu na internet *difere em algo* da sua experiência offline que o atrai – e é a partir daí que se desencadeia a interação.

¹ Cf. BRASHER, B. E. *Give Me That Online Religion*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.

² DAWSON, L. L.; COWAN, D. E. *Religion Online: Finding Faith on the internet*. Nova York: Routledge, 2004, p.1.

³ DAWSON & COWAN, 2004, p.6.

⁴ HADDEN & COWAN apud YOUNG, G. Reading and Praying Online: The Continuity of Religion Online and Online Religion in internet Christianity. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. *Religion Online: Finding Faith on the internet*. Nova York: Routledge, 2004, p.94.

⁵ Cf. SBARDELOTTO, M. “E o Verbo se fez bit”: Uma análise da experiência religiosa na internet. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 9, nº. 35, 2011. Disponível em <http://migre.me/9bpm3>.

⁶ HOOVER, S. M.; CLARK, L. S. *Practicing Religion in the Age of Media: Explorations in Media, Religion, and Culture*. Nova York: Columbia University Press, 2001.

⁷ HOOVER, 2001, p.2.

Neste artigo, analisaremos o conceito de experiência religiosa e seus desdobramentos no ambiente digital. Esse contato mediados é possibilitado por novas configurações da prática religiosa em termos de interface, discurso e ritual, que provocam alterações na experiência da fé por parte do fiel.

Experiência e interação: Processualidades religiosas em questão

Na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da rede, se dá a oferta de serviços online que possibilitam não meramente um conhecimento de tipo “racional” ou “informativo” (como a publicação de documentos ou notícias), mas sim estratégias para uma vivência de fé, uma *modalidade interacional de experiência religiosa online*. Estamos falando de uma *relação* entre a imanência e a transcendência, ou ainda de uma “inter-retro-relação” entre Deus e o mundo, “um em presença do outro”⁸. Podemos tratar essa “Realidade absolutamente transcendente” como o *sagrado*: o “Totalmente Outro”⁹, o “*superior summo meo*” e “*intimior intimo meo*” (maior do que o que há de maior em mim e mais íntimo do que o que há de mais íntimo em mim)¹⁰, o “numinoso” (do latim *numen* = “divindade”)¹¹, enfim, o “Mistério”.

É nesse contexto que a *experiência religiosa* adquire a sua relevância. Podemos entendê-la ainda como a “percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz”¹². Ou seja, é o “dar-se conta”, o “tomar conhecimento” das hierofanias que ocorrem na vida pessoal. Essa experiência também pode ser definida como “uma relação interior com a realidade transcendente”¹³, independentemente de seu nível¹⁴. Essa experiência se expressa em muitas linguagens, pois ocorre em todos os lugares e em toda a história, embora suas expressões sejam “culturalmente condicionadas”¹⁵. “O

⁸ BOFF, L. *Experientar Deus: A Transparência de Todas as Coisas*. Campinas: Verus, 2002, p.33.

⁹ Cf. LIBANIO, J. B. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

¹⁰ Cf. BOFF, 2002.

¹¹ Cf. MARTELLI, S. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

¹² LIBANIO, 2002, p.92.

¹³ MARTELLI, 1995, p.135.

¹⁴ Conforme Martelli (1995, p.174), a experiência religiosa pode ser *primária* (a realizada pelo místico); *secundária* (experimentada por aquele que, por meio do ritual e dos símbolos, revive as experiências primárias, próprias ou de outros); e *terciária* (definida como hábito, “incolor ou quase”, que se “reduz a uma simples adesão da vontade às práticas religiosas fixadas pela tradição”, como pela participação nos ritos, na qual o indivíduo dificilmente “consegue reviver o conteúdo da experiência primária”).

¹⁵ MARTELLI, 1995, p.140.

homem toma conhecimento do sagrado porque *este se manifesta*, se mostra como algo de absolutamente diferente do profano”¹⁶.

É importante perceber que a experiência religiosa *pode ocorrer* sempre e em qualquer situação, inclusive mediante a internet. Aí se encontra a centralidade da *dimensão comunicacional* da experiência religiosa: sentidos religiosos que circulam pelas páginas da internet, por meio das quais o fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho eletrônico conectado à internet – desenvolve um novo vínculo com a Igreja e o transcendental, e um novo ambiente de culto (como as chamadas “Capelas Virtuais”). Portanto, virtualmente, diante de fiéis que se deixam afetar por esses sentidos religiosos, que com eles se *relacionam*, ocorrem experiências religiosas *diversas e difusas* – que, além disso, se consumam na sua comunicação aos demais. Um circuito comunicacional, de fato, que interliga o fiel e o sagrado, mas também um “outro” a quem o fiel narra a sua experiência, via mídias. Assim, a experiência religiosa, entendida como *percepção e expressão* de um “outro”, o sagrado, aponta para um aspecto central da comunicação: a interação.

Entre a existência do sagrado – conforme entendido em suas tradicionais manifestações pelos rituais e liturgias históricos –, sua ressignificação e remodelagem na linguagem e nos ambientes da internet e sua apropriação pelo usuário, há “processos midiáticos [que] não podem ser visto como *um objeto em si*, mas através de suas relações, conexões e interconexões”¹⁷. A “complexidade organizada” que se manifesta nos sites e serviços religiosos católicos e na relação destes com o fiel-usuário apresenta claros sinais de “elementos em interação”.

Aqui entendemos interação como uma *ação-entre*. “Interações são ações recíprocas que modificam o comportamento ou natureza de elementos, corpos, objetos, fenômenos em presença ou em influência”¹⁸. Ou seja, são as *ações-entre* fiel e sistema católico online para a construção de sentido religioso. Por meio dessas ações e transações, fiel e sistema se “agitam”, “perturbam-se”, e que assim se inter-relacionam, ou seja, formam associações, ligações, combinações: em suma, comunicam-se. Mas é bom lembrar que não são “interações lineares”, em que uma *causa* gera um *efeito* possível de ser previsto e “controlado”, e, vice-versa, também não são “retroações

¹⁶ ELIADE apud LIBANIO, 2002, p.93, grifo nosso.

¹⁷ GOMES, P. G. Fenomenologia da Comunicação. In: FERREIRA, Jairo; PAOLIELLO, Francisco J.; SIGNATES, L.A. *Estudos da Comunicação: Transversalidades Epistemológicas*. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p.109.

¹⁸ MORIN, E. *O Método 1: A Natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p.72.

diretas”, em fluxos contrários: as interações sistêmicas são indetermináveis, complexas, livres, dinâmicas, e por isso não estão dadas de antemão, mas vão se construindo a partir de sua própria ocorrência.

Portanto, a comunicação se constrói na interação, e a interação constrói comunicação, já que a interação sempre é um processo comunicacional. Mas interação não pressupõe necessariamente simetria (linearidade) entre os interagentes, nem reciprocidade como a do modelo conversacional, ou dialogicidade: interagir é negociar¹⁹. Por isso, analisamos aqui três categorias específicas que favorecem esse vínculo e a experiência religiosa: a *interface* (as materialidades gráficas dos sites católicos), o *discurso* (coisa falada e escrita nos sites católicos) e o *ritual* (operações, atos e práticas do fiel), âmbitos que, a partir da internet, vão conhecendo novas possibilidades e limites. Isto é, na economia dos sites católicos, essas três categorias possibilitam a interação fiel-sagrado, mas não a esgotam: são os usos e apropriações do fiel – as operações por ele desenvolvidas no interior do sistema – a partir dessas três categorias que permitem que a sua experiência religiosa ocorra nas páginas da internet.

Interface: As materialidades da interação

Em uma interação fiel-sistema, o sagrado que é acessado pelo fiel na internet passa por diversos níveis de *codificação* por parte do sistema. Ou seja, a interação é possibilitada porque o fiel decodifica o sagrado a partir de sua configuração computacional ofertada pelo sistema. Mas essa decodificação vai além de uma mera recepção de mensagens assim como foram emitidas pelo sistema católico online. Ela envolve diversos níveis de *reconstrução* por parte do fiel do que é disponibilizado pelo sistema católico online. Em suma, a interface é o “lugar” da interação.

Isso se dá por meio de instrumentos e aparatos *físicos* (tela, teclado, mouse) e *simbólicos* presentes na linguagem computacional e online (navegadores, menus, ambientes). Com eles, o fiel “manipula” o sagrado ofertado e organizado pelo sistema e navega pelos seus meandros. Interface, portanto, é o *código simbólico que possibilita a interação fiel-sistema* e também a *superfície de contato simbólico entre fiel-sistema*. Em um sentido mais restrito, referimo-nos aqui à *interface gráfico-computacional* dos sites, os elementos não textuais presentes no sistema – como o layout e a organização

¹⁹ Cf. SANTAELLA, L. *Navegar no Ciberespaço: O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

interna das informações nele disponíveis – e a dimensão material das mídias, que orientam a leitura, a construção de sentido e a experiência religiosa do fiel. Por isso, é por meio da interface que o fiel interage com o sistema: este informa ao usuário seus limites e possibilidades, e aquele comunica ao sistema suas intenções: assim, o sistema não apenas indica ao fiel uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar com o sagrado*.

Nesse sentido, “a interface do computador age como um código que carrega mensagens culturais em uma grande variedade de mídias. Quando você usa a internet, tudo o que você acessa – textos, música, vídeo, espaços navegáveis – passa por meio da interface do navegador e então, por sua vez, pela interface do sistema operacional”²⁰. Mas é preciso esclarecer que esses “mecanismos de transporte” raramente são neutros ou automáticos: eles carregam consigo sentidos e afetam a mensagem transmitida – assim como a experiência do usuário. A interface oferecida pelo sistema molda, dentro de seus limites, a forma como o fiel pode interpretar os símbolos religiosos acessados pela internet e também fornece linhas pré-determinadas de decodificação do sentido religioso desses símbolos ao organizá-los de determinada forma, como no layout das páginas e em seus menus. Outras configurações, por sua vez, já são fornecidas ainda antes, pela própria linguagem computacional, como as formas possíveis de se lidar com as informações disponíveis: possibilidades como “clique”, “cortar”, “colar”, “copiar”, “deletar”, “acessar” etc. Como sintetiza Scolari²¹, “cremos usar as interfaces, mas na realidade também elas estão nos modelando”.

Nesse sentido, “as informações iniciais fornecidas pelo programador atuam como um genótipo que é expandido a um fenótipo total pelo computador”²². O programador, de fato, é quem determina, desde o início, a caracterização do sistema e suas normas de uso, além de seus objetos e de suas propriedades. Porém, a *ativação* dessas propriedades ocorre apenas a partir do “clique” do usuário: é ele que *faz funcionar* a interface, é ele que *atualiza* a partir de seus usos e apropriações virtuais programados pelo programador. Sem ele, a interface só existe virtualmente. Portanto, “a navegação responde às nossas escolhas”²³.

²⁰ MANOVICH, L. *The Language of New Media*. London: The MIT Press, 2000, p.64.

²¹ SCOLARI, C. *Hacer Clic: Hacia una Sociosemiótica de las Interacciones Digitales*. Barcelona: Gedisa, 2004, p.239.

²² MANOVICH, 2000, p.67.

²³ SANTAELLA, L. *Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003, p.93.

No caso da experiência religiosa, é o fiel que desencadeia as processualidades da interface, é ele quem permite que os símbolos “falem” e que “liberta” o sagrado “estocado” nos subsolos da internet. E esse processo de atualização da interface se dá por meio de uma espécie de *roteiro de viagem*²⁴. O fiel se encontra diante de uma determinada *organização, distribuição e hierarquização* das informações, estipuladas pelo sistema – alguns ambientes dos sites recebem mais destaque do que outros, alguns estão diretamente relacionados a outros, determinadas informações estão disponíveis em determinados links.

Por outro lado, a interação entre fiel-sistema, após o primeiro contato com a interface dos sites católicos, também é construída a partir de uma outra modalidade, isto é, do *discurso*, as trocas comunicacionais por meio do texto e das narrativas sobre o sagrado.

Discurso: As narrativas da interação

É assumida a centralidade do papel e da importância do conceito da “Palavra” dentro da tradição cristã, especialmente para a Igreja Católica. Desde a frase “e o Verbo se fez carne”, do Evangelho de João, até o mandato de Jesus para que seus discípulos “anunciem a boa nova ao mundo”, derivam daí, também, a centralidade e a importância da escritura e da pregação para essa corrente religiosa. Assim também a relação com os meios de comunicação é quase “vital” à instituição da Igreja. Esta se sentiria culpada diante do Senhor se não lançasse mão dos meios de comunicação²⁵.

E não é diferente nos ambientes digitais. A Igreja se faz presente na internet como um complexo dispositivo para a sua evangelização, para a construção de sentido religioso em contato com o fiel. Esse contato passa pelo *discurso*, pela *narração da fé*, pela *Palavra* e pelo *Verbo*: sem a mediação da linguagem textual – desde o comando computacional mais básico até a formulação teológica mais elevada –, o intercâmbio

²⁴ E por isso a imagem da navegação é rica enquanto metáfora: um deslocamento de um lugar ao outro através do tempo em determinados suportes. Mas, ao pensar em navegação, pensamos em uma superfície *sobre a qual* navegamos, mantendo-nos “secos” da água que está abaixo de nós. A superfície da água seria, assim, uma camada que separa, uma fronteira entre o mundo de cima e o mundo de baixo. Mas, em uma perspectiva de sociedades em midiatização, já estamos “submersos” nessa realidade. Então, mais do que surfistas, somos *golfinhos*, que vivem embaixo da água (as mídias), navegando pelos seus meandros (só saindo muito raramente – nas poucas experiências não midiatizadas – para respirar) (cf. HAMMERMAN, 2000).

²⁵ CONCÍLIO Ecumênico II do Vaticano. *Instrução Pastoral “Communio et Progressio” sobre os Meios de Comunicação Social*. Roma, 1971. Disponível em <http://migre.me/8Mbog>.

entre fiel e sistema ficaria impossibilitado. É por meio do discurso, também, que se gera o sentido religioso nos sites católicos. Por isso, chamamos aqui de discurso uma “*realidade material de coisa pronunciada ou escrita*”²⁶, o fluxo constante de construção de sentido religioso por meio da linguagem nas páginas da internet.

O texto, como indica Manovich²⁷, tem um papel privilegiado na cultura computacional, manifestando-se como uma *metalinguagem* da mídia do computador e da internet, em consequência. O texto é a forma mais básica de comunicação entre o sistema e o fiel: digita-se algo no navegador ou em algum site católico, e o sistema responde com determinada reação ou erro, abrindo uma determinada página ou exibindo determinada mensagem. Por isso, o discurso faz referência às *trocas comunicativas* e às *conversas simbólicas* que se estabelecem na internet. “O espectador entra simbolicamente no texto e estabelece uma conversação com o sujeito enunciador”²⁸. O texto indica virtualmente entidades como o enunciador e o enunciatário – entidades que estão *inscritas* e *vivem* no interior do texto –, assim como as regras para as interações entre eles.

Assim, os discursos também incluem e manifestam um *projeto de interação*. “O espectador [...] não se limita a receber o saber comunicado pelo texto, mas se prepara com um ‘projeto de interação com as articulações semióticas que o discurso textual lhe propõe’”²⁹. Colocam-se em ação duas estratégias textuais e discursivas – de enunciador e enunciatário, de fiel e sistema – que, operadas simbolicamente nos rituais online, possibilitam a interação.

Porém, essas estratégias ocorrem moldadas pelos limites e possibilidades das interações online. A tendência do sistema é a de, justamente, tentar evitar ao máximo os desvios de rota discursiva e as mudanças de percurso por parte do fiel. “Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do

²⁶ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2008, p.8.

²⁷ Cf. MANOVICH, 2000.

²⁸ SCOLARI, 2004, p.56.

²⁹ SCOLARI, 2004, p.55.

qual nos queremos apoderar”³⁰. No discurso, em suas diferentes formas textuais, podemos encontrar “a representação das suas normas de uso, das suas modalidades de acesso ao seu sentido por meio da articulação semiótica”³¹.

Além de interagir com o sistema por meio de suas interfaces e por meio do discurso e da narrativa sobre o sagrado, o fiel também *opera* sobre esse sagrado, *fazendo coisas* que o levam a Deus. Isso se manifesta nos rituais online.

Ritual: As operações da interação

O que percebemos nas experiências religiosas da internet é um deslocamento dos rituais até então celebrados no templo físico para o ambiente online, o que favorece o surgimento de novas ritualidades digitais. Com a revolução tecnológica, especialmente a partir do computador e da internet, “a velha concepção do poder ritualístico da ação simbólica [...] não morreu; ela sobreviveu dentro dos domínios agora limitados da Igreja e tem um novo lar na rede de comunicação global”³². O que ocorre hoje é uma bricolagem, com os “fragmentos do velho sistema [sendo] incorporados no novo mosaico cultural”³³. Portanto, os ritos presenciais e temporais não perdem sua validade, mas o que fica “escondido” em um canto dos templos territorializados (como o ritual de acender velas) passa a ser posto no centro dos ambientes católicos online, e o que é de extrema intimidade mística e mistério na fé católica (como a hóstia consagrada) passa a ser exposto pública e abertamente.

Em alguns casos, ocorre a apresentação de um ritual pela mídia (um documentário, por exemplo); ou um ritual que é estendido pela mídia (como a transmissão de uma missa); ou ações rituais que são realizadas no espaço virtual (como as velas virtuais); ou a disponibilização de um objeto ritualístico via mídias (como as Bíblias online); ou um comportamento ritualizado em relação a objetos eletrônicos (o computador como espaço para a realização de rituais) etc. Manifesta-se assim não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia *centrada* na mídia, já que a mídia também oferece modelos para a vivência, para o espaço e para o imaginário litúrgicos. Se, na prática offline, o fiel tem na vela a sua mediação para o

³⁰ FOUCAULT, 2008, p.8ss.

³¹ BETTETINI apud SCOLARI, 2004, p.55.

³² O'LEARY, S. D. Cyberspace as Sacred Space: Communicating Religion on Computer Networks. In: DAWSON, L. L.; COWAN, D. E. *Religion Online: Finding Faith on the internet*. Nova York: Routledge, 2004, p.44.

³³ O'LEARY, 2004, p.44.

encontro com o divino, pela internet há uma nova mediação em jogo: o próprio sistema e seus protocolos. Ou ainda o sistema e, depois dele, o padre ou a comunidade offline que irão rezar pelo fiel. Há, no ambiente online, novas mediações que são interpostas entre o fiel e o divino, gerando também uma religiosidade em que o fiel precisa passar por muitas “camadas” para ter acesso a Deus.

Porém, um ritual nem sempre é religião, e que a religião nem sempre é ritual. Para Peirano³⁴, ritual é “um *fenômeno especial* da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo”³⁵. Ritual, assim, seria a corporificação do contrato social, o ato social fundamental sobre o qual a sociedade é instituída.

O que interessa, como afirma Peirano³⁶, é que “o ritual esclarece mecanismos fundamentais do repertório social”. Segundo ela, “falas e ritos – esses fenômenos que podem ser recortados na seqüência dos atos sociais – são bons para revelar mecanismos também existentes no dia-a-dia e, até mesmo, para se examinar, detectar e confrontar as estruturas elementares da vida social”³⁷. Porém, um ritual “não é algo fossilizado, imutável, definitivo”³⁸. É preciso estar atentos aos rituais como *ação comunicativa*: “O culto não é simplesmente um sistema de símbolos pelos quais a fé se traduz exteriormente; é o meio pelo qual ela se cria e se recria periodicamente”³⁹.

Por isso, compreendemos os rituais online como *atos e práticas de fé por meio de ações e operações de construção de sentido em interação com o sistema católico online para a busca de experiência religiosa*. São operações que remetem ao sagrado e que têm um elemento comunicativo implícito.

Portanto, nos rituais online católicos ocorrem interações rituais em que um conjunto de ações (do sistema) levam a outras ações (do fiel) – e vice-versa. Nesse sentido, está em jogo uma “liturgia digital”⁴⁰ por trás dos rituais online: propostas de interação, ações e operações que são esperadas dos fiéis envolvidos; seqüências

³⁴ PEIRANO, M. G. S. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

³⁵ PEIRANO, 2003, p.10, grifo nosso.

³⁶ PEIRANO, M. G. S. A Análise Antropológica de Rituais. In: _____ (org.) *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.14.

³⁷ PEIRANO, 2001, p.14.

³⁸ PEIRANO, 2003, p.12.

³⁹ DURKHEIM apud PEIRANO, 2001, p.9.

⁴⁰ A própria palavra “liturgia” (do grego *laos*, que significa “povo”, e *ergon*, que significa “obra, trabalho”) significa “conjunto de práticas”, algo que se faz, uma ação. Na concepção católica, é “ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja”, como indica o documento *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia* (n.7).

“litúrgicas” (previamente estipuladas pelo programador) que devem ser por eles respeitadas; ações que o fiel faz o sistema fazer. Ou seja, *instruções e convites para fazer* do sistema em sua interação com o fiel, e do fiel em sua interação com o sistema, que se encontram presentes na interface à espera do clique do usuário.

Cabe ressaltar que “as novas mídias [como a internet] não apenas acrescentam algo a um ambiente, mas efetuam uma mudança qualitativa no ambiente”⁴¹. Portanto, a internet não oferece simplesmente “outro ‘lugar’ no qual se podem realizar rituais, mas induz a uma mudança qualitativa naquilo que é considerado um ritual religioso viável”⁴².

Pistas de conclusão: As midiamorfoses da fé

Nos usos, práticas e apropriações por parte da sociedade dos sentidos e símbolos religiosos em circulação comunicacional online, reconstrói-se e ressignifica-se continuamente o sentido do sagrado, “trabalha[ndo], satura[ndo], modela[ndo] e transforma[ndo] todas as relações dos sentidos”⁴³. Portanto, o vínculo tradicional do fiel com a Igreja e seus rituais é “desconstruído” e “reconstruído” histórica, temporal, espacial, material, discursiva, ritual e liturgicamente (senão ainda em outros aspectos).

Por um lado, *temporalmente*, os tempos e períodos tradicionais da vida litúrgica da Igreja mudam fortemente na internet. Agora, um ritual religioso pode ser feito a qualquer hora do dia e em qualquer lugar, independentemente dos horários e da localização dos demais membros da comunidade. O sistema se encarrega de mediar essa interação. Os processos lentos e vagarosos da ascese espiritual (os “séculos dos séculos”) vão sendo agora substituídos pela lógica da velocidade absoluta. Passamos assim a viver a fé na expectativa de onitemporalidade e de imediaticidade (tudo deve estar disponível agora, já).

Por outro lado, há um deslocamento *espacial* da experiência religiosa: a celebração feita do outro lado do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto – e é ele quem decide quando vai começar, ao clicar no *play*. Assim, instaura-se uma nova forma de presença: uma “telepresença”, possibilitada pelas representações

⁴¹ CASEY, C. Symbol and Ritual Online: Case Studies in the Structure of Online Religious Rituals. XC/IV Annual Convention National Communication Association. San Diego, 20 nov. 2008, p.2, nota de rodapé. Disponível em <http://migre.me/8MbpV>.

⁴² CASEY, 2008, p.2, nota de rodapé

⁴³ MCLUHAN, E.; ZINGRONE, F. (orgs.). *McLuhan: Escritos Esenciales*. Barcelona: Paidós, 1998, p.358.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.371-384

de sagrado disponíveis no sistema católico online. Mas a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença”⁴⁴. Não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente.

Além disso, a fé digital traz consigo uma *materialidade* totalmente própria: numérica, de dígitos que podem ser alterados, deletados, recombinações de acordo com a vontade do sistema e/ou do fiel, embora com resquícios de uma religiosidade pré-midiática (como o uso de “velas”, por exemplo). Mas, em geral, tudo isso pode passar despercebido pelo fiel, reforçando a transparência da técnica: a sensação de sacralidade construída pelo sistema promove (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante de* (e *apenas de*) Deus, sem atentar para todas as processualidades e lógicas da técnica comunicacional.

Discursivamente, o fiel constrói sentido religioso por meio de narrativas fluidas e hipertextuais, marcadas por uma constante descontextualização e recombinação. As relações e vínculos criados pelo discurso nesse ambiente também são fragmentários, já que o fiel seleciona e escolhe a sua alteridade discursiva (terrena ou divina). O deslocamento, em suma, se dá em direção à lógica do acesso, em que o pertencimento-participação não se estrutura por uma localização geográfica, mas sim por uma ambiência fluida em que só faz parte dela quem a ela tem acesso. Além disso, são comunidades instauradas comunicacionalmente: sem a interação digital, elas se desfazem.

Ritualisticamente, os atos e práticas de fé do fiel constroem-se agora mediante a “liturgia digital” da internet, marcada por uma lógica da seleção. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta também oferece modelos para as práticas, o espaço e o imaginário litúrgicos. Sendo de base computacional, explicita-se na internet uma religiosidade algorítmica, em que o fiel *faz o sistema fazer* o que já está programado.

Como vimos, manifesta-se nos rituais católicos online um “catolicismo plural”⁴⁵, relativamente livre e autônomo. Esse processo se complexifica na internet, em que se vê uma *religiosidade em experimentação*, marcada pela pouca fidelidade institucional e doutrinal, pela fluidez dos símbolos em trânsito religioso e pela

⁴⁴ Cf. MANOVICH, 2000.

⁴⁵ TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”: o Catolicismo Plural. *Site do Instituto Humanitas Unisinos*, 14 jan. 2010, s/p. Disponível em <http://migre.me/99vd2>.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.371-384

subjetivação das crenças. A partir desse “*sensus infidelium*” manifestado nos sites católicos, a impressão é de que “há religiões demais nessa religião”⁴⁶.

Referências

- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: A Transparência de Todas as Coisas**. Campinas: Verus, 2002.
- BRASHER, Brenda E. **Give Me That Online Religion**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.
- CASEY, Cheryl. **Symbol and Ritual Online: Case Studies in the Structure of Online Religious Rituals**. Trabalho apresentado na XCIV Annual Convention National Communication Association. San Diego, 20 nov. 2008. Disponível em <http://migre.me/8MbpV>.
- CONCÍLIO Ecumênico II do Vaticano. **Instrução Pastoral “Communio et Progressio” sobre os Meios de Comunicação Social**. Roma, 1971. Disponível em <http://migre.me/8Mbog>.
- DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the internet**. Nova York: Routledge, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 2008.
- GOMES, Pedro Gilberto. Fenomenologia da Comunicação. In: FERREIRA, Jairo; PAOLIELLO, Francisco J.; SIGNATES, Luiz A. **Estudos da Comunicação: Transversalidades Epistemológicas**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- HAMMERMAN, Joshua. **TheLordismyshepherd.com: Seeking God in Cyberspace**. Deerfield Beach: Simcha Press, 2000.
- HOOVER, Stewart M.; CLARK, Lynn Schofield. **Practicing Religion in the Age of Media: Explorations in Media, Religion, and Culture**. Nova York: Columbia University Press, 2001.
- KERCKHOVE, Derrick. D. (2009). **A Pele da Cultura: Investigando uma Nova Realidade Eletrônica**. São Paulo: Anablume.
- LIBANIO, João Batista. **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

⁴⁶ SANCHIS apud TEIXEIRA; MENEZES, 2010, s/p.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.371-384

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. London: The MIT Press, 2000.

MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MCLUHAN, Eric; ZINGRONE, Frank (orgs.). **McLuhan: Escritos Esenciales**. Barcelona: Paidós, 1998.

MORIN, Edgar. **O Método 1: A Natureza da Natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Elogio da metamorfose. **Site do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 9 jan. 2010. Tradução do original em francês. Disponível em <http://migre.me/8MaMS>.

O'LEARY, Stephen D. Cyberspace as Sacred Space: Communicating Religion on Computer Networks. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the internet**. Nova York: Routledge, 2004.

PEIRANO, Mariza G.S. A Análise Antropológica de Rituais. In: _____. (org.) **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no Ciberespaço: O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SBARDELOTTO, Moisés. “E o Verbo se fez bit”: Uma análise da experiência religiosa na internet. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, ano 9, nº. 35, 2011. Disponível em <http://migre.me/9bpm3>.

SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic: Hacia una Sociosemiótica de las Interacciones Digitales**. Barcelona: Gedisa, 2004.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”: o Catolicismo Plural. **Site do Instituto Humanitas Unisinos**, 14 jan. 2010. Disponível em <http://migre.me/99vd2>.

YOUNG, Glenn. Reading and Praying Online: The Continuity of Religion Online and Online Religion in internet Christianity. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the internet**. Nova York: Routledge, 2004.